

31 de Maio de 1876 — Recordações sobre o desenvolvimento da minha mente e carácter

C. Darwin

Tendo um editor alemão escrito a pedir-me um relato do desenvolvimento da minha mente e carácter, com um esboço da minha autobiografia, pensei que a tentativa iria divertir-me, e poderia possivelmente interessar os meus filhos ou os filhos deles. Sei que me teria interessado muito ler mesmo um esboço tão curto e aborrecido como este, escrito pelo meu avô¹, sobre a sua mente, o que pensava e fazia e como trabalhava. Tentei escrever o relato que se segue, como se fosse um morto noutra mundo, olhando para trás, para a minha própria vida. Não achei isto difícil, porque a vida está quase acabada para mim. Não fiz qualquer esforço relativamente ao estilo.

Nasci em Shrewsbury a 12 de Fevereiro de 1809. Ouvi o meu pai² dizer que acreditava que pessoas com mentes vigorosas tinham em geral memórias que se estendiam até um período muito precoce da sua vida. Não é o

meu caso, porque a minha recordação mais antiga só vai até aos quatro anos e alguns meses, quando fomos até perto de Abergele para tomar banhos de mar, e recordo-me de alguns dos seus acontecimentos e lugares com alguma nitidez.

A minha mãe³ morreu em Julho de 1817, quando eu tinha pouco mais de oito anos, e é estranho que não me lembre de quase nada sobre ela excepto o seu leito de morte, o seu vestido de veludo negro e a sua mesa de trabalho curiosamente construída. Acredito que o meu esquecimento é devido em parte ao facto de as minhas irmãs⁴, por causa do seu grande desgosto, nunca terem sido capazes de falar dela ou de mencionar o seu nome; e em parte ao facto de ela ter estado inválida anteriormente. Na Primavera do mesmo ano fui enviado para um externato em Shrewsbury, onde fiquei um ano. Antes de ir para a escola fui educado pela minha irmã Caroline, mas duvido que este plano tenha funcionado. Disseram-me que era muito mais lento na aprendizagem do que a minha irmã mais nova Catherine, e acho que era em muitos aspectos um rapazinho malcomportado. Caroline era extremamente bondosa, esperta e zelosa; mas era demasiado zelosa ao tentar melhorar-me; porque lembro-me claramente de, após este longos anos de intervalo, dizer para comigo quando ia entrar num quarto onde ela estava — «De que é que ela me vai censurar agora?» e fazer-me teimoso de modo a não me importar com o que ela pudesse dizer.

Quando fui para este externato o meu gosto pela história natural, e especialmente por coleccionar objectos, estava bem desenvolvido. Tentava saber quais os nomes

das plantas e colecionava toda a espécie de coisas, conchas, carimbos, sobrescritos, moedas e minerais. A paixão por coleccionar, que leva uma pessoa a ser um naturalista sistemático, um antiquário ou um avaro, era muito forte em mim, e era claramente inata, dado que nenhuma das minhas irmãs ou o meu irmão alguma vez tiveram este gosto.

Um pequeno acontecimento durante esse ano fixou-se muito firmemente na minha mente, e julgo que o fez devido ao facto de a minha consciência ter ficado depois muito perturbada; é curioso por mostrar que aparentemente eu estava interessado naquela idade precoce na variabilidade das plantas! Disse a outro rapaz (acho que era Leighton⁵, o qual depois se tornou um conhecido especialista em Botânica e Liquenografia) que podia produzir Poliantos e Prímulas de várias cores ao regá-los com certos fluidos coloridos, o que era obviamente uma enorme mentira, e nunca havia tentado. Posso aqui confessar também que em rapazinho era muito dado a inventar falsidades deliberadas, e isso era sempre feito para causar excitação. Por exemplo, uma vez apanhei muita fruta valiosa das árvores do meu Pai e escondi-a nos arbustos do jardim, e depois corri ofegante para espalhar a notícia de que havia descoberto um fornecimento secreto de fruta roubada.

Por esta altura, ou talvez tivesse sido numa idade mais precoce, às vezes roubava fruta para comer; e um dos meus ardis era engenhoso. O quintal era fechado à chave ao fim da tarde, e estava rodeado por um muro alto, mas, utilizando árvores próximas, eu podia facilmente chegar ao cimo do muro. Então fixava um pau comprido no bu-

raco do fundo de um vaso de flores bastante grande, e ao puxar tudo isto para cima arrancava pêssegos e ameixas, que caíam para dentro do vaso e assegurava-me assim da recompensa. Quando era um rapazinho muito pequeno lembro-me de roubar maçãs do pomar, para as dar a alguns rapazes e jovens que viviam numa cabana não muito longe, mas antes de lhes dar a fruta exibia a minha rapidez na corrida, e é extraordinário como não percebia que a surpresa e admiração que eles expressavam para com as minhas capacidades na corrida eram manifestadas por causa das maçãs. Mas lembro-me muito bem de que ficava deliciado quando eles declaravam que nunca tinham visto um rapaz correr tão depressa!

Só me recordo claramente de outro incidente durante os anos em que estive no externato do Sr. Case — a saber, o enterro de um soldado de cavalaria; e é surpreendente a clareza com que posso visualizar o cavalo com as botas vazias e a carabina do homem suspensas da sela, e os tiros à beira da cova. Esta cena estimulou o que havia em mim de fantasia poética.

No Verão de 1818 entrei para o liceu do Dr. Butler em Shrewsbury, e estive lá sete anos até meados do Verão de 1825, quando tinha dezasseis anos. Fiquei como aluno interno, de modo que tive a grande vantagem de viver a vida de um verdadeiro aluno; mas como a distância até à minha casa era pouco mais de uma milha, muitas vezes ia até lá a correr nos intervalos entre chamadas e antes de fecharem as portas à noite. Acho que isto foi em muitos aspectos vantajoso para mim, por não deixar esmorecer os meus afectos e interesses caseiros. Recordo-me que durante a primeira parte da minha vida liceal tinha fre-

quentemente que correr muito depressa para chegar a horas, e devido ao facto de ser um bom corredor era em geral bem sucedido; mas quando tinha dúvidas rezava com muita seriedade a Deus para que me ajudasse, e recordo-me muito bem que atribuía o meu sucesso às rezas e não à minha capacidade de corrida, ficando admirado por ser tão regularmente ajudado.

Ouvi o meu pai e irmãs mais velhas dizerem que eu tinha, quando era um rapazinho muito novo, um forte gosto por longos passeios solitários; mas não sei no que pensava. Ficava frequentemente muito absorvido, e uma vez, quando voltava para o liceu pelo cimo das velhas fortificações à volta de Shrewsbury, que haviam sido convertidas num caminho para peões sem parapeito de um dos lados, continuei a andar e caí ao chão, embora a altura fosse apenas de sete ou oito pés. No entanto, o número de pensamentos que me atravessaram a mente durante esta queda curta, mas repentina e totalmente inesperada, foi surpreendente, e não parece muito compatível com os que os fisiologistas provaram, creio, relativamente ao facto de cada pensamento exigir uma duração de tempo apreciável.

Eu era com certeza um indivíduo muito inocente quando fui para o liceu. Um rapaz chamado Garnett levou-me um dia a uma loja de bolos, e comprou alguns bolos sem pagar, porque o lojista confiava nele. Quando saímos perguntei-lhe porque é que não pagara e respondeu-me logo, «O quê, não sabes que o meu tio legou uma grande soma em dinheiro à Cidade, com a condição de que todos os comerciantes fornecessem o que fosse necessário sem exigir pagamento a qualquer pessoa que levasse o